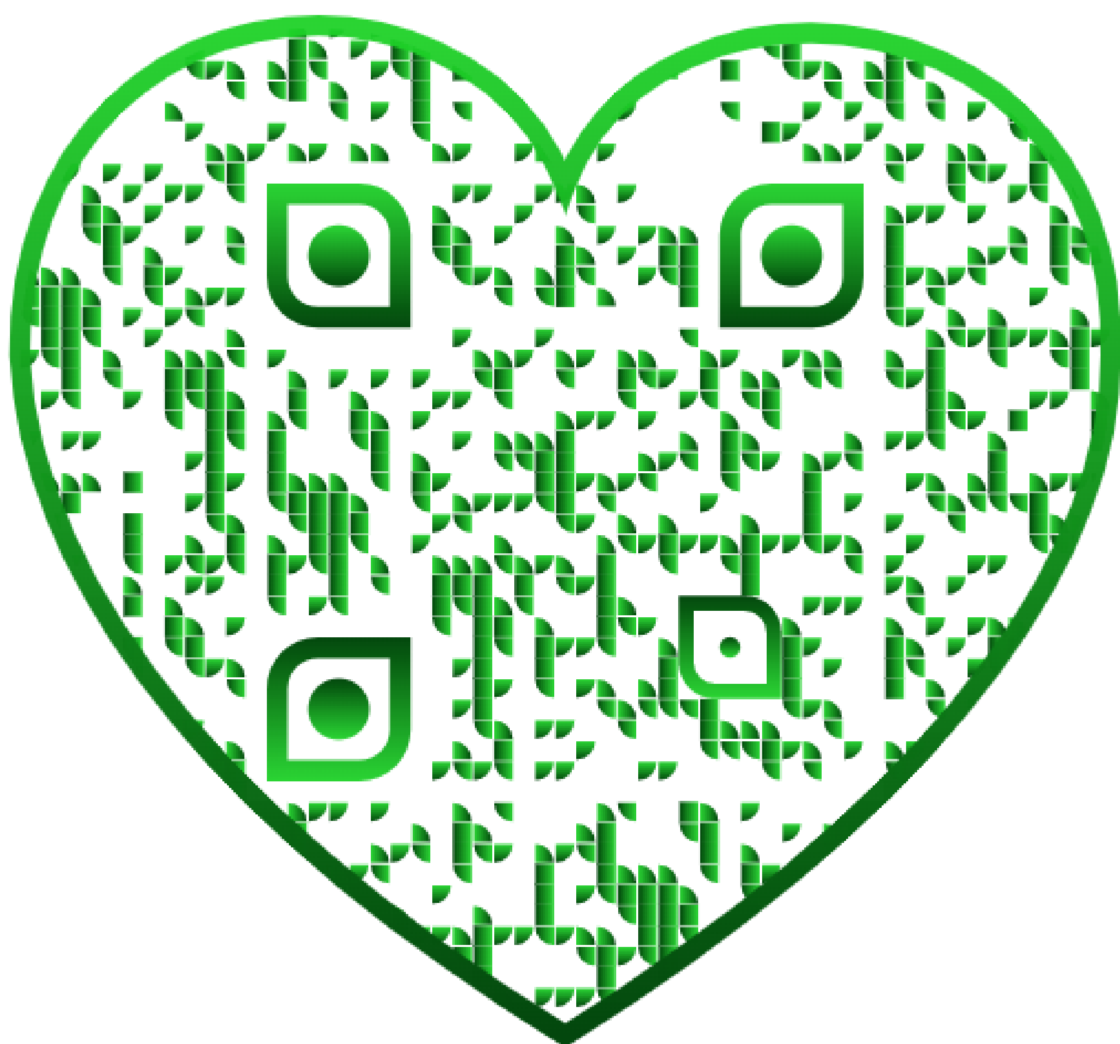
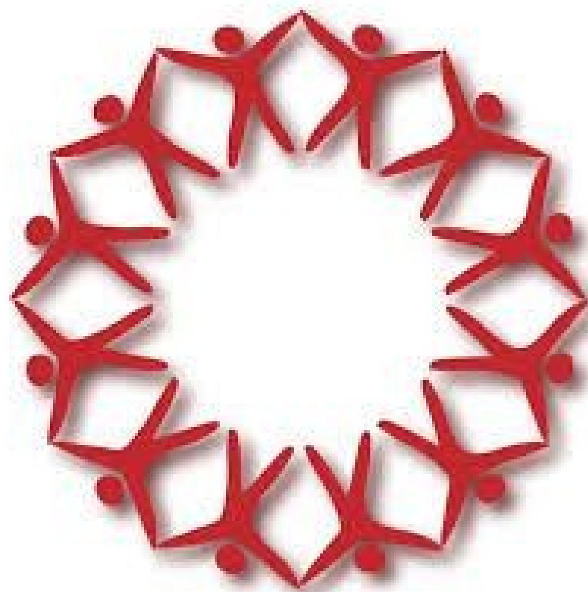
Matador de Sombras

Gabrielle Erudessa





Autora: Gabrielle Erudessa
Capista: Gabrielle Erudessa
Ilustrações: Gabrielle Erudessa

Esse conto foi escrito inicialmente para a iniciativa de uma revista online que infelizmente não foi pra frente. Foi um desafio e tanto escrever esse conto de forma que fizesse sentido, com o limite de caracteres impostos (sou do tipo que escreve demais), mas gosto do resultado final.

Como um todo, o conto é um spinoff, por assim se dizer, de um dos personagens principais que faz parte de história maior em construção e escrita que espero ter pronta num futuro não tão distante (aka antes de 2020).

Boa leitura!



Placas dérmicas verde-água com listras azul-marinho cobriam a cabeça de crânio alongado, enquanto pontos e largas faixas de tinta azul-fogo cobriam as pálpebras, bochechas e lábios, sem cobrir o azul-marinho. Argolas douradas com minúsculas safiras atravessavam a pele entre as quatro fossetas loreais em suas bochechas. Quatro de cada lado. A Educadora Estelar era uma varggeana bonita, o jovem admitia.

- Já que parece tão compenetrado, senhor Ihmita, por que não conta ao resto da turma qual a fraqueza de um shaykano ocupando um corpo que não o seu? – o garoto mordeu a língua quando percebeu os olhos de um castanho-amarelado fixos nele.

Abriu e fechou a boa diversas vezes, mas não respondeu. Não tinha ideia da resposta.

A Educadora balançou a cabeça com um ar decepcionado, levantando-se da mesa no meio do círculo que as arquibancadas da sala formavam. Ela caminhou, as longas vestes azul-fogo arrastando atrás dela, as mãos cruzadas nas costas eretas.

- Como vocês bem sabem, os corpos dos shaykanos permanecem em seu planeta, Chertsa, sendo cuidado, enquanto suas mentes ocupam e controlam os corpos dos que eles consideram descartáveis, sejam eles da mesma espécie ou não. Entretanto, eles raramente se atentam para uma coisa: a mente estrangeira não sente cansaço. Está sempre ativa. O corpo ocupado, não. Precisa descansar, dormir, mas eles não recebem essa mensagem. Ou seja: shaykanos em corpos estranhos raramente dormem. E isso é a maior fraqueza, meus jovens, porque um corpo cansado é um corpo que comete erros.

Ironia.

Essa era a palavra que definia a vida de Ihmita naquele momento, verificando que a arma estava configurada para atordoar enquanto mantinha as costas coladas na parede.

Ironia que a Educadora que lhe ensinara sobre a fraqueza dos shaykanos era justamente a sua presa naquele momento. Ou melhor. O corpo era dela. A mente era de um espião shaykano. Uma mente ativa num corpo cansado que, pelas informações repassadas pelo comando da Frota Solar, não dormia há mais de um mês.

Brincadeira de criança.

Verificou novamente os fechos do capacete antes de sair da cobertura, os olhos azul-celeste com as pupilas negras quase totalmente dilatadas enxergando perfeitamente no escuro.

Considerando o tempo que o corpo da varggeana não descansava, enxergar no escuro não estava sendo tão fácil para o shaykano. Os demais sentidos também deviam estar mais entorpecidos.

Um estrondo o alcançou, vindo da esquerda. Sem hesitar, avançou na direção do som, a arma em riste. Shaykano idiota, se escondendo num prédio vazio em Ilute... Estava completamente sozinho e isolado, sem sequer outros barulhos pra distrair Ihmita.

Viu um corpo avançando de forma atabalhoada na distância, uma mesa empoeirada e suas cadeiras de metal espalhadas pouco a frente dele; as produtoras do som, sem dúvida alguma.

Ihmita começou a correr e saltou os objetos de metal sem dificuldades, e com seu corpo descansado, alcançou a varggeana em poucos segundos, se jogando sobre ela. Ela tentou empurrá-lo e cima de si, sem sucesso, e parou apenas quando o cano frio da arma encostou-se à lateral de sua cabeça. O varggeano disparou, e o corpo ficou mole, desacordado.

Ihmita se ajoelhou, virando a varggeana com uma mão e com a outra pegando o leitor de ondas cerebrais preso magneticamente no quadril. Prendeu dois eletrodos na cabeça e observou os padrões na tela de vidro: intensos demais, picos muito alto e muito baixo. Anormal. Padrões somados da dona do corpo e do espião. Dominação confirmada.

Modificou a configuração da arma para simplesmente “shaykano” e a encostou no meio da testa da varggeana, puxando o gatilho sem demora. A cabeça sofreu um espasmo com a corrente de eletricidade, e então Ihmita olhou de novo o padrão lido pelos eletrodos. Estava na faixa normal de sua espécie.

Antes que pudesse informar à sua nave que estava voltando com o corpo desacordado da Educadora, ouviu o som de uma voz falando em shaykano. Sem um transplante da linguagem shaykana, Ihmita não compreendeu, mas encontrou uma tela de comunicação num dos bolsos da roupa da fêmea, mantendo-a longe para que não o vissem. Seria bom descobrir o aliado shaykano do que ele acabara de eliminar.

Quis vomitar quando reconheceu o 1º Marechal-Solar Vereante Deargven, com as placas dérmicas verde-escuro com faixas vermelhas no queixo e nas laterais da cabeça, líder supremo da Frota Solar, líder dos demais Marechais-Solares, abaixo apenas do Conselho Estelar, na tela do tamanho de sua mão.

Seu pai.



Ihmita trancou-se na própria casa ao voltar para Skagge, o planeta natal do varggeanos. Os outros membros da família dentro do terreno dos Deargven mal o viram atravessar a praça circular.

Vereante – não, o shaykano – sabia que fora ele quem eliminara o outro espião. Receberia o relatório, ocupando o corpo do Marechal-Solar. Tinha de se preparar para

enfrentá-lo. O mais lógico que o shaykano podia fazer era eliminá-lo, antes que contasse a alguém, no momento que voltasse para "casa".

Ihmita só não entendia como o shaykano burlava as leituras regulares das ondas cerebrais que todos os membros de alta patente da Frota Solar passavam. Mas devia ser um bom no que fazia. Lembrava de dormir. Era um bom espião.

Vereante fechou a porta atrás de si e o encarou de volta. Ainda vestia o uniforme de seu posto na Frota.

- Sabe, garoto, uma pena, porque eu realmente gosto de você... Quase dá pra pensar que não pertence a uma espécie inferior. – falou, tirando o casaco e o jogando longe, expondo uma camisa branca e os braços cobertos de placas dérmicas verde-escuro.

- Há quanto tempo e como? – Ihmita se colocou em posição de luta, sentindo o peso da arma configurada para matar no quadril. Conhecia a habilidade natural do pai, e havia a habilidade desconhecida do shaykano. Não teria chance de mirar na cabeça para usar os modos shaykano ou atordoar. Mas matar... Ah. Esse bastava atingir algum ponto qualquer no corpo. Maldito Ensinamento que permitia apenas armas de contato dentro de Skagge.

- Quase dois anos. Vim no corpo da sua mãe. Intercalo entre os dois, e aviso o outro que se abrir o bico... Bem, diga adeus ao cônjuge. – deu de ombros. – Usei contra vocês o "Ensinamento Estelar" mais importante de sua cultura... – também assumiu a posição de combate.

- "Vocês são um a partir de agora. Defenda a vida do outro como a sua própria." – Ihmita recitou, sentindo o coração afundar no peito antes de avançar e atacar.

Os Ensinamentos Estelares, que deveriam proteger os varggeanos e guiá-los a um futuro rico, usados contra eles para enfraquecê-los.

Quantos outros estavam passando por isso?

As mãos tremiam ao deixar a arma cair, encarando corpo sem vida de Vereante. Não havia sangue, apenas os olhos azul-celeste escancarados para o mundo e um leve cheiro de queimado, produto da carga elétrica fatal que percorrera seu corpo.

A porta da casa se escancarou e sua mãe entrou correndo. Ela olhou de um para o outro com os olhos amarelo-radioativo, antes de cair de joelhos ao lado do corpo do marido. Com cuidado, fechou-lhe os olhos, e então pegou algo no bolso da calça do macho e estendeu para o filho.

- Aqui. Contatos de todos os espiões shaykanos que ele comandava. – Ihmita pegou a tela de comunicações das mãos da mãe, hesitante.

- Sinto muito, mãe... Eu...

- Você fez o que devia ser feito, Ihmita. Ele iria querer que fosse você, e ele faria o mesmo por você se necessário. – ela pegou outra coisa nos bolsos. Um microeletrodo, aparentemente, e entregou-lhe. – Aqui. É isso que está permitindo os shaykanos trocarem de corpo sem precisarem voltar para Chertsa.

O varggeano pegou o pequeno equipamento e o analisou. Viu a mãe abraçar o corpo morto do pai, e saiu de casa, deixando-a com seu luto. Chaja era uma varggeana orgulhosa, que não gostaria que alguém a visse chorar. Especialmente o próprio filho, para o qual, em sua concepção, ela devia ser uma rocha de segurança e firmeza.

Ele queria continuar com essa visão dela.

Os novos furos na pele entre as fossetas loreais coçavam, mas Ihmita resistiu à tentação. Não queria correr o risco de soltar as argolas de prata com pequenas opalas de seus lugares. Colocadas tão recentemente, a pele ainda podia se rasgar.

- Não coce, Ihmita.

- Não vou coçar, mãe. – garantiu, observando Chaja ajeitar o uniforme comemorativo nele. Havia um sorriso leve nos lábios dela.

- Meu filho. Promovido de Capitão-Solar à Coronel-Solar. Herói em todo o Skagge por acabar com um monte de shaykanos. Ganhando uma honraria do Conselho Estelar. – ela o abraçou, voltando a amassar o uniforme que acabara de arrumar, e ele a abraçou de volta. – Seu pai ficaria orgulhoso.

O mestre de cerimônia do Conselho evitou que Ihmita falasse o que estava em sua mente sobre isso – que tal promoção viera com o custo da morte dele – ao aparecer correndo e avisar que estava na hora.

No momento que foi anunciado e apareceu no alto tablado, todas as redes televisas do planeta, das colônias varggeanas e algumas interespécies focadas naquele momento – para seu horror –, a população na grande praça berrou uma palavra, “Tapptshayka”. Matador de Sombras – era irônico que a palavra para “sombra” era “shayka”, a forma como os shaykanos chamavam sua cultura.



A língua Estelar, reservada aos Ensinamentos, à religião e ao Conselho. Todo varggeano a entendia e sabia falá-la, mas apenas uns poucos a falavam regularmente. Ihmita virou-se para o conselheiro ao seu lado e sussurrou.

- Não estamos num culto, lendo os Ensinamentos nem numa sessão do Conselho... Por que usar a língua Estelar?

- Vereante estava sendo cotado para o Conselho Estelar, assim como muitos outros que você livrou dos shaykanos ou eliminou, além daquele novo equipamento que eles estavam usando. O que você fez merece um título à altura. Coronel-Solar não basta.

Ihmita engoliu em seco, sentindo o amargor do título Tapptshayka e o peso das novas argolas da promoção, mal ouvindo as palavras que o conselheiro dissera ao microfone quando o burburinho acalmou. Pura sorte – ou azar – o levara até ali.

Agora precisava continuar fazendo por merecer o título de Matador de Sombras.

Ihmita esperou atrás da cortina do tablado, como o conselheiro instruíra. O ouviu dispensar o povo, e logo o varggeano estava ao seu lado.

- O Conselho tomou outra decisão sobre você, durante a cerimônia, Ihmita dos Deargven, e os seus superiores endossaram a decisão, mesmo os pertencentes aos Varya e

aos Ubiytbro. Estamos entrando em contato com algumas espécies aliadas, e eles provavelmente endossarão também.

O mais novo Coronel-Solar da Frota Solar sentiu a coluna esfriar. Os Varya e os Ubiytbro, rivais dos Deargven, endossarem algo sobre ele... Não era algo bom.

- O que o Conselho Estelar decidir, a Frota Solar segue, senhor.

- Sim, sim... – o conselheiro começou a andar, e ele seguiu. – Você receberá uma nave e tripulação próprias. Sugeriram um cruzador, mas no geral ainda não decidimos qual nem os integrantes. Talvez membros das espécies aliadas sejam selecionados. Enfim, a sua missão será rastrear e eliminar espiões shaykanos e recolher informações sobre as operações escravagistas, usando essa nave e tripulação. Já faz muito tempo que aturamos o escravagismo, espionagem e rapto de espécies ainda não envolvidas na sociedade galáctica dos shaykanos. Só de humanos a Frota Solar resgatou mil no último ano. Não temos dados dos resgatados pelas espécies aliadas, e as Estrelas e os Sóis sabem quantos perdemos deles e de outras espécies. Precisamos demonstrar que não vamos mais ser condescendentes com o que ocorre em Chertsa e em colônias shaykanas.

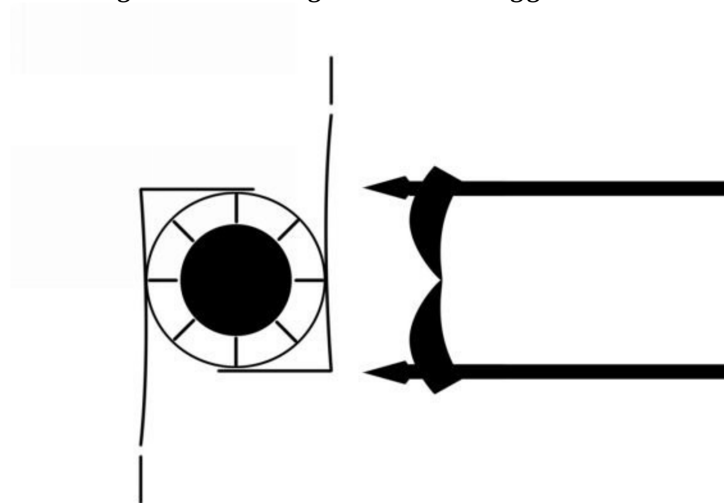
Ah. Estava explicado porque os Varya e os Ubiytbro tinham endossado.

Esperavam que ele morresse, e com razão, afinal, aquilo era uma missão suicida.

A única explicação para o Conselho decidir aquilo era: um shaykano mexendo os pauzinhos para se vingar do agora Tapptshayka.

Que as Estrelas o acolhessem bem quando morresse.

Pictogramas da Língua Estelar varggeana "Ehshta Sathakshy Phytpa - Tapptshayka", de



tradução "Cruzador da Frota Solar - Matador de Sombras"

Glossário:

Placa dérmica: nome correto das “escamas” que cobrem lagartos, serpentes, crocodilos e jacarés.

Fossetas loreais: buracos próximos às narinas em algumas espécies de serpentes, geralmente peçonhentas; são órgãos relacionados à leitura de calor ao redor.